

HISTÓRIA, COTIDIANIDADE E LITERATURA¹

Telma Dias Fernandes²

“[...] O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada.”³

Pretendo, neste artigo, levantar questões acerca de alguns elementos entre os que possibilitam o trabalho de História a partir de narrativas literárias ficcionais, enfocando, especialmente, a construção de um cotidiano na arte literária de contar histórias. A literatura constrói um entendimento da experiência, e uma das formas pelas quais é possível efetuar o cruzamento entre literatura e história é a que enfoca os caminhos utilizados pelos ficcionistas, quando estes recorrem a uma invenção do cotidiano para compor seus enredos e erigir suas personagens⁴. A trama assim constituída reporta um regime de historicidade, que contribui para as apropriações do sensível pelos historiadores através das subjetivações literárias.

Sobre o cotidiano na História dispomos de algumas obras clássicas na historiografia, a exemplo de *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau⁵, e *O cotidiano e a História*, de Agnes Heller⁶, abordando os aspectos conceituais quanto ao sentido de cotidianidade⁷.

É comum que os mais diversos trabalhos, com temáticas as mais variadas, em algum momento citem algo sobre cotidiano. Na maioria das vezes, não há nenhuma reflexão que se reporte ao cotidiano, e sua menção parece apenas buscar uma legitimidade à escrita da História. Falar acerca da cotidianidade tornou-se mais que aceitável, ganhou a dimensão do desejável, indicaria consonância com as expectativas postas sobre o ofício. Alguns fantasmas rondam os historiadores, são os nossos zumbis. Um número bastante significativo entre as nossas publicações

¹ Artigo produzido para a revista *Sæculum* com o objetivo de contribuir para uma discussão inicial, principalmente entre os alunos do PPGH-UFPB, em suas incursões preliminares. Este texto é uma adaptação de parte da minha tese de doutorado, ainda inédita.

² Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba, atuando na área de ensino de Teoria e Metodologia da História, com pesquisas que enfocam o cruzamento entre História e literatura. Coordenadora do PPGH-UFPB no biênio 2011-2013. E-mail: <telmadiasfernandes@gmail.com>.

³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano* – Vol. 1: artes de fazer. 12. ed. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 38.

⁴ É importante registrar que nem todo texto literário se apropria da possibilidade de engendrar seu enredo através de uma construção do cotidiano.

⁵ CERTEAU, *A invenção do cotidiano* – Vol. 1; CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano* – Vol. 2: morar, cozinhar. 6. ed. Tradução de Ephrain Ferreira Alves e Endich Orth. Petrópolis: Vozes, 2005.

⁶ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 8. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

⁷ Contamos com vários outros trabalhos que trata da questão direta ou indiretamente. Citei esses como exemplo porque são emblemáticos e porque na perspectiva teórica são os mais completos e são os que mais influenciam as produções historiográficas.

faz referência a uma ação que rejeita o positivismo, o estruturalismo, as respostas universais e nesse afã da crítica – que estabelece o que um historiador não deve fazer – se impõe o que deve ser feito. Alguns mitos também atravessam a relação entre História e cotidianidade. Como exemplo podemos citar que pensar o cotidiano significa incorporar o homem comum no lugar dos grandes heróis, ou a simetria entre História e cotidiano, com a História das mulheres e do feminino, e ainda a identificação do cotidiano na História, com a História do presente e/ ou com os testemunhos orais⁸.

Desde que tenhamos registros do cotidiano, através das mais variadas fontes possíveis para o historiador, é possível perscrutar “[...] sobre as *operações dos usuários*, supostamente entregues à passividade e à disciplina”⁹.



Assim como a escrita da História, a escrita literária conta-nos histórias. Fabricamos enredos, tramas, perscrutamos personagens em suas experiências, não importa se nos referimos a pessoas conhecidas ou inventadas.

O cruzamento entre História e literatura já se tornou recorrente e a problemática em torno da invenção de cotidianos pela literatura tem seus intérpretes na historiografia, a exemplo do trabalho de Sidney Chalhoub, particularmente em *Machado de Assis Historiador*¹⁰.

O historiador, um leitor dos registros, munido das suas ferramentas de ofício e sob as demandas multifacetadas do presente, pode adentrar a escrita literária para construir um entendimento das relações que embasaram os enredos. Dentro dos limites que nos impõem e permitem os registros, cada visita faz emergir uma compreensão particular: “[...] A fina película do escrito se torna um remover de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor”¹¹.



Quando da escrita da tese de doutorado, propus um estudo que focalizasse a

⁸ Tratar dessas questões seria um outro artigo. Cito, para chamar a atenção, que tais não são condições necessárias para incorporar a cotidianidade na história. Tampouco, exemplificando, teremos em todos os testemunhos orais uma referência na cotidianidade ou sempre que nos reportemos à história do feminino ou do presente estaremos tratando dessa relação.

⁹ CERTEAU, *A invenção do cotidiano* – Vol. 1, p. 37. Grifo do autor.

¹⁰ CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Esse autor produziu trabalhos nos quais recorreu ao texto literário como fonte. O que cito neste artigo constitui um exemplo singular precisamente porque desenvolve com profundidade a relação entre a História e a literatura percorrendo o enredo e a construção de personagens de Machado de Assis, na perspectiva da problematização de uma trama da vida cotidiana. Outra observação necessária aqui é a que Chalhoub não é o único que vem desenvolvendo trabalhos sob essa ótica, apenas o considero como o mais acabado até o momento.

¹¹ CERTEAU, *A invenção do cotidiano* – Vol. 1, p. 49.

percepção de modernidade na Paraíba, através de três dos seus mais conhecidos literatos. Entre eles, José Lins do Rego. Partiu de uma hipótese geral de que as obras desses autores traduziam as ambiguidades da dinâmica social que marcaram o regime de historicidade de que fizeram parte, sobretudo no que concerne às relações de sociabilidades e políticas.

José Lins nasceu dentro de um engenho, um dos que pertencia à família materna. Eram 03 de junho de 1901. O Corredor ficava em Pilar, no Estado paraibano, numa região de Brejo, uma das mais propícias e onde mais se desenvolveu o cultivo da cana para fabricação de açúcar, de rapadura e ainda celeiro fecundo para o algodão.

Parte considerável da sua obra, aquela que alcançou maior projeção, está visceralmente ligada ao universo dos antigos engenhos, com suas relações de trabalho e, sobretudo, com os afetos que pontuaram as relações de sociabilidade desenvolvidas entre os que formavam aquelas unidades produtivas e residenciais.

Para José Lins, seus personagens não poderiam falar como não falavam seus inspiradores. Carlos de Melo, Tio Juca, Zé Paulino, como o próprio romancista, eram filhos da aristocracia canaveira. Tanto para José Lins, quanto para Augusto dos Anjos, o desmoronamento da produção dos engenhos atingiu a todos. Como uma avalanche d'água ou de fogo, não deixou nada no lugar. Fossem os proprietários de terras ou os trabalhadores, todos foram afetados pelas variações nos mercados negociais de produtos agrícolas. Ambos, porém, questionaram e nos permitem problematizar as relações entre proprietários e trabalhadores, estes últimos que, com frequência, não são assalariados. Questionaram quando focalizaram as amas de leite, os meninos que nem de meninos poderiam ser chamados. Lá, nos escritos de Augusto, estão Guilhermina, o finado Toca. Em José Lins, algumas personagens são emblemáticas quanto aos questionamentos das condições sociais: o mestre sapateiro, Vitorino Carneiro da Cunha, assim como menções quanto ao encantamento provocado pelos cangaceiros nos homens e mulheres pobres¹². Entretanto são, sobretudo, literatos, que não manifestaram o desejo de encobrir o lugar que eles mesmos ocupavam naquela escala social, tampouco desejaram esconder o mundo que lhes servia de base reflexiva.

O chamado ciclo da cana¹³ de José Lins do Rego foi escrito entre o início da década de 1920 até o início da década de 1940, num total de seis romances. O primeiro, *Menino de engenho*, teve seu lançamento em 1932 e o último, *Fogo morto*, foi lançado em 1943. O espaço de pouco mais de 10 anos retrata o período das primeiras décadas do século XX, na zona de produção açucareira da Paraíba, exceto *O moleque Ricardo*, que está quase todo ambientado na década de 20, em

¹² Com relação ao poeta Augusto dos Anjos, a referência está no seu único livro publicado. ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. Coleção Poetas do Brasil, vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 1994. Quanto às referências a personagens de José Lins, os citados são da obra *Fogo morto*. Ainda em José Lins, o encantamento provocado pelos cangaceiros nos homens e mulheres pobres pode ser encontrado, direta ou indiretamente, em todos os livros do ciclo da cana.

¹³ REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 75. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999; REGO, José Lins do. *Doidinho*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980; REGO, José Lins do. *Banguê*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980; REGO, José Lins do. *Usina*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993; REGO, José Lins do. *Água mãe & Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

Pernambuco¹⁴.

Numa nota à primeira edição de *Usina*, quinto romance publicado pelo escritor, encontra-se uma avaliação do próprio escritor quanto às críticas produzidas aos seus romances. Afirma José Lins do Rego:

[...] Veio, após o Menino de engenho, Doidinho, em seguida Bangüê. Carlos de Melo havia crescido, sofrido e fracassado. Mas, o mundo do Santa Rosa não era só Carlos de Melo. Ao lado dos meninos de engenho havia os que nem o nome de menino podiam usar, os chamados “moleques da bagaceira”, os Ricardos. Ricardo foi viver por fora do Santa Rosa a sua história que é tão triste quanto a do seu companheiro Carlinhos. Foi ele do Recife a Fernando de Noronha. Muita gente achou-o parecido com Carlos de Melo. Pode ser que se pareçam. Viveram tão juntos um do outro, foram tão íntimos na infância, tão pegados (muitos Carlos beberam do mesmo leite materno dos Ricardos) que não seria de espantar que Ricardo e Carlinhos se assemelhassem. Pelo contrário.

Depois de Moleque Ricardo veio Usina, a história do Santa Rosa arrancado de suas bases, espatifado, com máquinas de fábrica, com ferramentas enormes, com moendas gigantes devorando a cana madura que as suas terras fizeram acamar pelas várzeas. Carlos de Melo, Ricardo e Santa Rosa se acabam, têm o mesmo destino, estão tão intimamente ligados que a vida de um tem muito da vida do outro. Uma grande melancolia os envolve de sombras. Carlinhos foge. Ricardo morre pelos seus e Santa Rosa perde até o nome, se escraviza.¹⁵

A afirmação de José Lins é também uma resposta às críticas que recebeu, especificamente, pelo romance *O moleque Ricardo*. Alguns críticos consideram Ricardo como uma réplica de Carlos Melo quanto aos sentimentos que ambos expressavam e, neste sentido, acusaram José Lins de não respeitar as alteridades entre o neto de um senhor de engenho e o filho de uma “agregada” da propriedade.

A mãe de Ricardo fora criada na casa-grande do engenho, continuando a servir aos seus proprietários como se a escravidão não houvesse acabado. Não recebia salário, férias, satisfações – apenas servia. Para o romancista, no entanto, as grandes ferramentas de trabalho das usinas pareciam monstros que amedrontavam

¹⁴ REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. O romance *O moleque Ricardo*, normalmente, não é considerado como fazendo parte do ciclo da cana. No entanto, o romance trata da vida de um trabalhador do engenho e tem conotações pertencentes ao âmbito do êxodo rural. Por outro lado, sua continuidade com a volta do personagem principal para o engenho, permite acoplar o mesmo ao conjunto da saga da cana-de-açúcar.

¹⁵ REGO, *Usina*, p. XIII.

Carlinhos e destruíram igualmente a ambos, Carlinhos e Ricardo. Fora o mundo da fábrica, que jogara Ricardo do Recife para Fernando de Noronha e depois para a morte. Foram as moendas gigantes que impuseram o fracasso de Carlinhos e destruíram o Santa Rosa.

As obras de José Lins do Rego estão postas na perspectiva daqueles que traduzem o universo rural sob uma perspectiva das tensões. O desejo de manter o passado cristalizado no presente e as tímidas possibilidades de mudanças, ambos estão igualmente presentes nos romances do escritor. Não são apenas agitações no baú das memórias, José Lins do Rego é um construtor de histórias, que parece perceber o seu saudosismo conservador e, através dessa percepção, traduz um sentimento de modernidade preso no espartilho da tradição.

Cada um dos romances de José Lins reporta o leitor a tramas que privilegiam, notadamente, as práticas do cotidiano em várias das suas facetas. Repetições, incoerências, tensões, multiplicidades de formas de apropriação das normas sociais e da cultura. Abordam os costumes, a gastronomia e nos reportam aos afetos: medos, raivas, vontades de vingança e formas diversas de amores. Uma diferença significativa entre o romance *Menino de engenho* e o livro de memórias *Meus verdes anos*¹⁶ está na especificidade da composição literária. *Meus verdes anos* trilha os passos da reminiscência, envolve personagens da vida de José Lins e situações recordadas pelo autor, mas sem uma problematização dos personagens. Não há enredo. Em *Menino de engenho*, entretanto, os personagens ganham a carga dramática e a trama salienta as ambivalências e tensões existentes. Uma personagem amalgama características de vários exemplos presentes na memória do escritor, pelo que o mesmo presenciou na sua própria experiência do vivido ou por aquilo que lhe contaram. Trata-se de um recurso comum na tradição da escrita literária e que pode ganhar destaque, o que efetivamente ocorre com a literatura produzida por José Lins, quando a narrativa literária inventa um cotidiano, para assim expor a forma por meio da qual as tensões entre o passado e o presente são apropriadas nas experiências do presente.

No trem que levou o menino Carlinhos do Recife para ser criado no engenho do avô materno, o presente do início do século XX se confunde com os contornos do passado. O espaço rural é utilizado como uma metáfora do antigo. Do primeiro andar de uma casa numa rua urbanizada da cidade para uma casa grande de engenho. Plantações, açudes, animais e relações que pareciam sair do século XIX vão imprimindo outros contornos à memória.

O processo de instauração e instalação das usinas é parte das medidas para incrementar o setor agro industrial canavieiro, sob a ótica de maior produtividade e, conseqüentemente, maior poder de concorrência interna e externa. No entanto, significou uma mais efetiva concentração econômica e por derivação também política, produzindo a falência de muitos engenhos.

Legítimo dono, senhor absoluto ficara o dr. Juca, pois os parentes [...] foram aos poucos cedendo aos seus planos, às suas idéias. Mandava ele só. Os lucros fantásticos

¹⁶ REGO, José Lins do. *Meus verdes anos*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

*calavam a boca dos que pretendiam fazer restrições. E no seu terceiro ano de moagem a Bom Jesus só tinha uma boca para falar por ela – que era a do dr. Juca. Os parentes iam passando, sem sentir, à categoria de fornecedores.*¹⁷

José Lins do Rego, em *Banguê, Usina e Fogo morto* forjou imagens contundentes dessa dinâmica, e mesmo que o tenha feito saudoso do passado, as passagens nos romances abordam a questão do produtor, do Estado e dos trabalhadores ligados ao universo produtivo, sob o ângulo de vista do primeiro.

O modelo econômico-político brasileiro, concentrador e coronelístico, vivenciado nas primeiras décadas republicanas, também favoreceu o autoritarismo. Tia Sinhazinha, personagem de *Menino de engenho* de José Lins do Rego, aparece sempre como a figura que representa os maus tratos, o mandonismo, o autoritarismo: “A velha Sinhazinha [...] gritando para os negros e os moleques com a mesma arrogância *incontentável*”¹⁸. E ainda em *Menino de engenho*, por ocasião da visita do cangaceiro Antonio Silvino, o menino Carlos de Melo desejou, como algo de bom para os meninos, para os moleques e para as negras, que o primo tivesse denunciado a tia ao cangaceiro, para que este a castigasse. Todos teriam dormido “uma noite de grande”¹⁹.

A escolha por compor a narrativa literária na perspectiva de uma invenção do cotidiano por José Lins nos permite matizar as relações familiares, de trabalho e contribuem para uma problematização, a partir de uma perspectiva metafórica, das relações sociais e econômicas do período enfocado pelo romancista. Concordo com Certeau²⁰, quando o mesmo afirma que perscrutar o cotidiano, o modo de fazer e de consumo, a observação das práticas, enquanto táticas e astúcias, não nos remete para um individualismo, mas nos reporta a uma coletividade. Parecia mesmo que todos os não proprietários de latifúndio deveriam prestar obediência e serviços às famílias mandantes. José Lins narra uma história sob uma leitura do povo da casa grande: por ocasião de uma cheia do rio Paraíba, crianças e mulheres saíram todas como retirantes para a casa do seu Amâncio, sitiante do velho José Paulino. Dormiram em cama de vara, sentindo o cheiro do chiqueiro dos porcos. “Era tudo isto o que de melhor o pobre do velho Amâncio tinha para nos oferecer: esta sua desgraçada e fedorenta miséria de pária”²¹. A figura da personagem Seu Amâncio é um dos retratos de morador que o romancista traçou em suas obras. Naquela ocasião, quase todos os trabalhadores perderam todo o pouco que tinham com a enchente.

José Lins do Rego recria o cotidiano dos homens livres que permaneceram nas propriedades onde foram escravos. Os que se viram arrolados nessa experiência continuaram a ser tratados como escravos e agregados, ou seja, contavam com quase nenhuma mobilidade social, não recebiam salário ou então tinham alguma

¹⁷ REGO, *Usina*, p. 46.

¹⁸ REGO, *Menino de engenho*, p. 13.

¹⁹ REGO, *Menino de engenho*, p. 14.

²⁰ CERTEAU, *A invenção do cotidiano* – Vol. 1.

²¹ CERTEAU, *A invenção do cotidiano* – Vol. 1, p. 21.

remuneração ocasional e não sistemática, como é o caso dos contratos de trabalho permanentes ou temporários. Em alguns aspectos, suas vidas cotidianas foram ainda mais precárias, uma vez que os patrões não se viam mais com obrigações para com os trabalhadores. Incorporaram a não responsabilidade que antes tinham para com os escravos, e não incorporaram as obrigações que deviam aos trabalhadores, agora homens e mulheres livres. Os patrões usufruíram da necessidade de sobrevivência daqueles que, embora livres, não contavam com grandes opções.

As transformações para o trabalho assalariado demoraram a se efetivar, perdidas nas malhas das relações de agregados e compadrio. Os costumes sendo substituídos lentamente. Esse movimento de transição surge com força vital nos romances de José Lins.

A venda de escravos para a atual região Sudeste, proibida em 1885 pela Lei Saraiva-Cotegipe, e que, no caso paraibano, foram escravos retirados das unidades de maior peso na produção, segundo Evaldo Cabral de Mello²², aliada ao crescimento da lavoura de algodão e da criação de gado, que em alguns momentos superaram a produção açucareira e demandaram menor número de escravos, foram razões que levaram a região ao trabalho com pessoas livres. Livres mas, entretanto, atreladas por compadrio ou relação de agregados àquelas propriedades rurais. Envolvidos, enfim, por relações de dependência para com os donos das terras.

A longa permanência de relações de trabalho não assalariadas até praticamente a metade do século XX aponta para um longo período de transição, entre o fim do escravismo oficial e a paulatina modificação nos costumes, ocorrência resultante, sem dúvida, das relações econômicas que engendraram e nortearam todo o processo produtivo da região.

O engenho da personagem José Paulino, e os de seus parentes, retratados por José Lins do Rego em processo de decadência ou em vias de transformação para as unidades usineiras, guardam as antigas relações quase intactas, ou, melhor explicitando, sofrendo mudanças lentas, nas quais os antigos donos saem de cena e são substituídos por seus descendentes.

A família de José Paulino, representada na figura do filho Juca, “queria uma usina, desejava alcançar o progresso, igualar-se com outras, que haviam subido de condição, com as turbinas e vácuos”²³.

As usinas substituíram os engenhos, todas as terras passaram a ser da cana. Os antigos alugados das bagaceiras seriam empregados, mas muitos “morriam” na conta do barracão, não recebiam dinheiro, mas uma moeda de troca localizada. As relações de poder, que se haviam caracterizado pelos desmandos dos senhores de engenhos, não mudaram. A maquinaria nova, veloz, eficiente – moderna – não significou mudanças estruturais na vida dos trabalhadores do eito.

Nunca ninguém, por aquelas paragens, alcançou maior soma de poder [...]. A São Félix valia como um estado.

²² MELLO, Evaldo Cabral de. *O norte agrário e o Império* (1871-1889). 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, p. 65.

²³ REGO, *Usina*, p. 43.

*O governo temia a sua importância. Os seus protegidos não conheciam delegados, as portas das cadeias não prevaleciam para as ordens do usineiro. Procurassem saber dos eleitores que não fossem crias da grande fábrica e encontrariam poucos.*²⁴

Até mesmo Deus parecia ter abandonado todo aquele povo, permitindo que sobre ele grassasse uma miséria ainda maior. José Lins do Rego inquieta-se da sorte de homens e mulheres tão religiosos, tão crentes. Mas entendia que apenas os homens proprietários ditavam as leis:

*O povo [...] acreditava nos santos, todos faziam novena, [...], todos amavam os santos. E foi aquilo que se viu. A Bom Jesus comendo tudo o que eles tinham, tomando a várzea, cortando as laranjeiras, destruindo as roçadas, fazendo o povo subir para a caatinga.*²⁵

A Usina São Felix pertencia ao Seu Luís e era a grande concorrente da Usina Bom Jesus, montada por Juca, filho do velho José Paulino. Seu Luís e Juca brigavam por propriedades dos vizinhos menores, para passar a possuir a maior quantidade de terras.

*A usina bom Jesus nasceu dessa fraqueza, da luta entre a São Félix [usina de Sr. Luís] gananciosa e a família do velho José Paulino, querendo resistir à invasão que vinha de fora. O dr. Juca sonhava com o poder, com o despotismo que a esteira de usina impunha.*²⁶

É principalmente através das relações entre os médios proprietários da família de José Paulino e do empreendedor e grande proprietário Sr. Luís que o romancista José Lins analisa questões ligadas às políticas econômicas governamentais e questões quanto à concentração de unidades usineiras.

Sr. Luís chega à região canaveira em momento posterior ao de exclusividade dos engenhos tradicionais e inicia um processo de concentração fundiária, associada a relações de trabalho autoritárias. A imagem da personagem está voltada, entretanto, para o modelo liberal de empreendimento agrário/comercial, ao contrário dos familiares de José Paulino, sob o comando do seu filho Juca. Seu Luís espera pacientemente as falências ao seu redor para incorporar propriedades, formar um monopólio.

A Usina Bom Jesus, criada pelo personagem Dr. Juca, passou por dois momentos de modernização. O primeiro, quando foi fundada, ainda com equipamentos e métodos arcaicos, em vistas de outras usinas, principalmente as do Estado vizinho,

²⁴ REGO, *Usina*, p. 43-44.

²⁵ REGO, *Usina*, p. 44.

²⁶ REGO, *Usina*, p. 45.

Pernambuco.

No dia da botada da Bom Jesus houve festa de arrombar, veio banda de música, gente de toda parte. [...] E até o governador mandara o seu representante. [...] Os paredões do engenho haviam crescido, o telheiro baixo de antigamente subira. Folhas de zinco cobriam a maquinaria, uma chaminé de tijolo vermelho mostrava-se nova em folha, dominando tudo com aquela ponta fina dos pára-raios. O povo pobre olhava para a usina embevecido. Mulheres tinham vindo de longe para ver. Usina para elas era uma coisa de um poder extraordinário. Queriam ver de perto aquele monstro. Mas não devia haver tanta coisa de extraordinário para contentar aquelas imaginações. A maquinaria estendia-se, as moendas grandes, a roda gigante, e a esteira puxando cana. Tudo muito maior que o engenho, mas nada com o grandioso que diziam. Os que já tinham visto a Goiana Grande [uma usina de Pernambuco, em cidade vizinha ao território paraibano] se desapontavam com o tamanho da Bom Jesus. Aquilo era mais um meio aparelho.²⁷

Preocupado com as perdas do açúcar, “que não passava de um bangüê grande”²⁸. Juca convence os familiares a investir na compra de equipamentos importados dos Estados Unidos, colocando suas terras, seus engenhos, como hipoteca:

Os trabalhos da Bom Jesus andavam adiantados. Os jornais da Paraíba falavam do acontecimento, referindo-se à iniciativa do usineiro. Para as folhas da terra, ele era o reformador da fabricação de açúcar do estado. Até conseguiria do governo isenção de impostos para as suas máquinas, e dez anos sem pagar taxas de exportação.²⁹

A usina arrastara consigo um tempo e um modo de viver. Muitos pequenos proprietários e a grande maioria dos trabalhadores não podiam suportar tantas modificações, porque elas significaram, para a maior parte deles, o aumento da miséria. No desejo das mudanças lentas, mas também como denúncia do processo excludente de inserção da modernidade no universo rural paraibano, José Lins do Rego vive a contrapor o tempo novo das usinas ao tempo antigo dos engenhos. Ao lado dos engenhos, das suas máquinas e das plantações de cana, conviviam os pedaços de terra que os trabalhadores plantavam para si e para um pequeno comércio.

²⁷ REGO, *Usina*, p. 45-46.

²⁸ REGO, *Usina*, p. 93.

²⁹ REGO, *Usina*, p. 101.

No entanto,

O inconformismo de José Lins do Rego não é fundado sobre a esperança de uma transformação redentora: é um inconformismo existencialista, de revolta contra a condição humana, essencialmente injusta com todos, e não apenas com os explorados. Os senhores de engenho que são esmagados pelas usinas sofrem tanto contra os agregados que recolhiam abnegadamente as suas migalhas na época de prosperidade. Para citar Fogo Morto, obra-síntese de José Lins, o sofrimento e a solidão do seleiro José Amaro não são maiores que os do coronel decadente Lula de Holanda.³⁰

Nos engenhos, os trabalhadores tinham dois dias livres por semana pra trabalhar no que era seu. Havia também os sitiantes que pagavam foro, podiam plantar cana, algodão, fazer roçado, criar animais. Os velhos iam ficando nos engenhos quando não podiam mais trabalhar e continuavam comendo e vestindo: “Acabou-se o bom tempo, menino. Desde que o velho fechou os olhos que gente pena. Mandaram até buscar cozinheira na cidade”³¹. A fala de Tia Generosa é um reclamo pelas mudanças. Foram expulsas dos casebres porque estes ficavam em cima da casa grande, eram entulhos. A ração diária de comida, a fartura da cozinha sempre aberta, essa não existia mais:

Sempre que vinha ao barracão, o velho Teodoro se abria. Criara-se no Santa Rosa. Os filhos dele já eram homens feito, todos puxavam a enxada do velho José Paulino. Ele tivera o seu sítio na Várzea, aonde fazia o seu roçado, plantava a sua fava, o seu algodão. Veio aquela desgraça e levou tudo. Teve que se mudar para a caatinga. [...] Chegaria o dia em que os mais velhos nem podiam ficar mais em casa, todos teriam que descer para o pesado. [...] Até já queria bem ao pedaço de terra. Era uma nesga que o coronel dera para ele trabalhar. Há mais de quarenta anos que, com os poderes de Deus, fizera tudo por aquele pedaço de terra. Dali ele tirava sua arroba de algodão para vestir o seu povo, umas espigas de milho e umas ramas de feijão, que davam para comerem o ano todo. Criava também o seu porco, que rendia para tanta coisa. Pela festa vendia o bacorinho e os quarenta mil-réis prestavam tanto serviço.³²

³⁰ TRIGO, Luciano. *Engenho e memória*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002, p. 117.

³⁰ REGO, *Usina*, p. 79.

³¹ REGO, *Usina*, p. 84.

³² REGO, *Usina*, p. 84-85.

No romance *Banguê*, Carlos de Melo refletia sobre a decadência do engenho do avô e sobre o seu fracasso, que o colocou abaixo, na escala produtiva, de um antigo empregado da bagaceira. Carlos de Melo tinha medo de ser atacado pelo antigo empregado do engenho, agora um homem muito mais forte que ele. Era um homem desolado este personagem de José Lins, um retrato da decadência. Os morcegos voavam como lesmas se arrastam no chão, como se arrastava o engenho em suas mãos que nada sabiam fazer: “Bichos feios. Viviam pelos telhados, no escuro, espreitando a noite”³³. Como em *Augusto dos Anjos*, a presença dos morcegos é em José Lins sinal de mau agouro e representa com clareza o esboçado acima. A consciência do fim e do trágico também em José Lins do Rego se vê representada na figura torpe e morfina de um morcego.

Derrotado, o poder de Carlos de Melo passara para o Tio Juca; este, indiferente à sorte dos antigos moradores, os expulsa para outras paragens. As velhas são jogadas em uma casa de assombração. Custavam a dormir, cada uma delas pressentindo presenças aterrorizantes, e “Os morcegos chiavam a noite inteira na gameleira. Aquilo tem parte com o demônio, dizia a Tia Generosa. Morcego era pássaro do diabo”³⁴. A construção de mundo do romancista José Lins do Rego, principalmente quando trata das tramas ligadas aos engenhos, respalda-se no apego ao passado. Há de fato, neste literato, um olhar nostálgico sobre o que já foi como foi. É até mesmo possível que se se fosse efetuar um levantamento da qualidade de vida daqueles trabalhadores, logo após a decadência dessas unidades produtivas, constatar que havia piorado. Entretanto, a forma como José Lins do Rego nomeia os trabalhadores: negros, moleques, camumbembes. As descrições em alguns momentos quase idílicas das relações entre mandantes e mandados, o abrandamento ao falar do mando dos senhores de engenho. Tudo choca o leitor, seja ele do seu próprio tempo ou de hoje.

A forma de expressão desse autor pode ser relacionada com uma literatura imagem. Ao trabalhar a linguagem, os hábitos, a religiosidade e as perspectivas e expectativas de suas personagens, baseado em uma vivência da qual não se aparta em momento nenhum, José Lins do Rego tece uma literatura fotográfica do mundo rural dos engenhos de açúcar e das usinas paraibanas, inventa um cotidiano e neste empresta às personagens os sentimentos que conseguia perceber através da sua experiência do passado, quando criança e jovem e a partir dos seus familiares, assim como a experiência quando estudante na década de 1920 no Recife e em sua relação com outros literatos, entre eles Graciliano Ramos, Aurélio Buarque de Holanda e Raquel de Queiroz.

José Lins do Rego não esconde as coisas. Deixa explícito o lugar de onde fala, e esta é a perspectiva dos proprietários e dos profissionais liberais oriundos desse grupo. Reconhecia como paraíso o mundo perdido. Quando retorna dos estudos no Recife para o engenho do avô, Carlos de Melo³⁵ lamenta que “não havia nada mais triste do que um retorno a esses paraísos desfeitos”. Seus sonhos de grandeza,

³³ REGO, *Banguê*, p. 135.

³⁴ REGO, *Usina*, p. 76.

³⁵ Propositadamente, no decorrer deste texto, embaralho o autor e os seus personagens. O intuito é o de compor o mosaico do que as personagens nos permitem apreender da inscrição do autor nos embates de seu tempo, e do tempo da sua arte.

de aristocracia eram falsos, fixados “em absurdos”³⁶.

Carlos de Melo é o personagem central de três romances no conjunto de romances incluídos na saga da cana dos engenhos nordestinos: *Menino de engenho*, *Doidinho e Banguê*. Através de suas falas, do desenvolvimento da personagem, que perece junto com a queda dos engenhos, é possível traçar um perfil contundente do testemunho de José Lins do Rego quanto à realidade vivida por famílias que ditavam leis, empregados que obedeciam, agregados subservientes.

É possível também perceber a dor pela decadência dos homens que mandavam e que rara, mas efetivamente, se viram abaixo de antigos dependentes. E é ainda visível a crítica ao mandonismo e as diferenças que aprisionavam muitos nas malhas da miséria – material e moral.

Carlos de Melo reclamava pela ausência de apogeu dos “barões” do açúcar. Sonhando acordado na rede, via-se recuperando, imprimindo aos seus as riquezas que lhe pensava devidas. De dentro da rede no seu quarto simples ou no alpendre rústico da casa do avô tecia fantasias de grandeza. Reconhecia: “Era um principado o que eu queria”³⁷.

Desse principado, Maria Alice, personagem de *Banguê*, por quem Carlos de Melo se apaixonara loucamente, criticava a avareza dos senhores, a vida mesquinha e pobre, quase indigente dos trabalhadores do eito. Maria Alice cobrava de Carlos que contasse em livros essas dores e não a vida dos donos das terras. Cobrava melhores condições de vida também. Não tinham tanto os senhores? Carlos de Melo concordava com tudo, não porque acreditasse realmente nas razões de Maria Alice, mas porque a paixão o deixara preso ao desejo de conquistar, ainda que não fizesse movimento para cumprir suas promessas. Maria Alice explicita as tensões presentes nos romances deste autor.

O contraponto entre as prerrogativas senhoriais de Carlos de Melo e as condições de vida e de trabalho dos pobres está posto com clareza. Através de Maria Alice, José Lins do Rego reconhece a exploração e a necessidade que as classes proprietárias tinham de mantê-las. Questiona e conclui que a história do universo canavieiro não está só nos senhores de engenhos e suas famílias numerosas. Sem os pobres, os homens do eito, os técnicos do fabrico do açúcar, as mulheres que serviam de dia e de noite e sem os moleques da bagaceira, não existiria engenho.

A crítica que se faz ao romancista quanto à sua defesa de um tempo bom, porque unilateral, esquece que o grande mérito desse literato foi não ter posto véus nas relações sociais, nem fingir que um herdeiro de terras pudesse ter um olhar forjado a partir do homem pobre do campo. Até mesmo os elogios feitos ao personagem José Paulino, inspirado no seu avô, convivem nos romances com as histórias dos trabalhadores, moradores e agregados, que põem desnudas as relações entre os senhores e os outros.

Para o historiador que empreende a tarefa de cruzamento entre História e literatura, narrativas como as de José Lins são emblemáticas para se produzir uma análise acerca das relações do dia a dia que extrapolam o âmbito das leis. Nem todos

³⁶ REGO, *Banguê*, p. 05-06.

³⁷ REGO, *Banguê*, p. 07.

os engenhos mantinham consigo ex-escravizados, trabalhando pelo que comiam e vestiam, ainda meio escravos. No engenho de Tia Maroca, afirma Carlos de Melo, “A velha [...] corrigia este abuso. Os seus serviçais faziam ordenado. Tempo de cativoiro tinha passado”³⁸. Esta era, no entanto, uma exceção. O romancista traça nas páginas seguintes perfis dos outros engenhos próximos, todos aparentados entre si, onde se trabalhava e comia, mas não se ganhava. As mulheres pobres, quase sempre negras, serviam no exercício do trabalho braçal e para os prazeres dos senhores jovens. Serviam, inclusive, aos filhos de Tia Maroca, por mais que ela tentasse impedir e coibir o hábito entre os seus filhos.

Se no engenho Gameleira de Tia Maroca, a passadeira tinha dinheiro na Caixa³⁹, no engenho Santa Rosa de José Paulino, já morto o patriarca, Carlos de Melo mandara para o Tronco um morador/ empregado que tirara algumas madeiras das terras. A citação a seguir segue o raciocínio de Carlos de Melo, avaliando seu ato de truculência.

O feitor me trouxe uma família inteira na corda. Encontrava aquele povo de feixe de lenha na cabeça [...]

E eles se defendiam com lágrimas nos olhos:

– Não era para vender não, seu Doutô. Pela graças de Deus que não era...

Mas mandei botar no tronco. Para exemplo. Na rede fiquei com a sentença na cabeça. O Santa Rosa coberto de capoeiras e eu fazendo questão por um feixe de lenha. Que diabo de falta me faria uma ninharia daquela?

*E me balançava. Ia pra lá e para cá, com a sentença iníqua na cabeça. Era demais. E fui eu mesmo ao tronco retirar o homem.*⁴⁰

No tempo de José Paulino não faltava fartura na mesa, os pobres comiam. Entretanto, havia lá um tronco. O coronel José Paulino era a lei e enquanto Carlos de Melo, seu neto, ia para a escola, os filhos dos trabalhadores cresciam de barriga grande e dura, morriam aos montes ou cresciam ignorando o que não fosse necessário para os serviços do engenho.

Como tantos outros jovens senhores, também José Paulino deixara, nos eitos, filhos bastardos, e nada fazia para aplacar as misérias da vida dos trabalhadores rurais. Tudo era mantido como Deus queria. Todos esses elementos não estão postos nos romances para decorar páginas, compõem a trama, são partes integrantes das histórias...



³⁸ REGO, *Bangüê*, p. 95.

³⁹ Conta-poupança na Caixa Econômica Federal.

⁴⁰ REGO, *Bangüê*, p. 115.

RESUMO

Pretendo, neste artigo, levantar questões acerca de alguns elementos entre os que possibilitam o trabalho de história a partir de narrativas literárias ficcionais, enfocando, especialmente, a construção de um cotidiano na arte literária de contar histórias. A trama assim constituída reporta para um regime de historicidade que contribui às apropriações do sensível pelos historiadores através das subjetivações literárias. Quando da escrita da tese de doutorado, propus um estudo que focalizasse a percepção de modernidade na Paraíba, através de três dos seus mais conhecidos literatos. Entre eles, José Lins do Rego. Parti de uma hipótese geral de que as obras desses autores traduziam as ambiguidades da dinâmica social que marcaram o regime de historicidade de que fizeram parte, sobretudo no que concerne às relações de sociabilidades e políticas. Através desse autor e de adaptações de parte do texto de tese baseio este artigo.

Palavras Chave: História; Cotidianidade; Literatura.

ABSTRACT

This paper intends to raise questions about some elements among those whom enable the work on History from Fiction narratives, focusing in particular the construction of a routine in the literary art of storytelling. The plot thus constituted relates to a historicity regime that contributes to the sensibility appropriations done by historians from the literary subjectivities. When I was writing my PhD dissertation, I proposed a study that focused on the modernity perception in Paraíba, through three of its best-known writers and, among them, José Lins do Rego. I started with a general hypothesis: the works of these authors translated the ambiguities of social dynamics that marked the historicity regime that they took part, especially with regard to the sociability and politics relations. By some characters of this author, Rego, and adaptations of a little part of my PhD dissertation, the basis of this paper was build.

Keywords: History; Everydayness; Literature.

Artigo recebido em 06 ago. 2012.

Aprovado em 11 nov. 2012.